

Considerações finais

Concluimos nossa tese estabelecendo algumas considerações, sem a pretensão, contudo, de esgotar a reflexão sobre um dos temas mais obscuros e de difícil interpretação pelos estudiosos de Platão. Uma questão principalmente permanece e nos inquieta ao final da pesquisa: De que serviria ao filósofo realizar uma investigação que, apesar de todas as suas precauções metodológicas, se vê antecipadamente atingida pela invalidez?

Observamos que o método da hipótese não oferece uma certeza absoluta ao pesquisador, já que é um método aproximativo, ou seja, as hipóteses suscitadas jamais poderão ser tomadas como certas definitivamente, a menos que alcancemos o anipotético, princípio este que Platão não nos indica com precisão os meios de alcançar. Todavia, esse modelo de investigação filosófica desempenha um papel de grande importância na aquisição do conhecimento; não é um expediente facultativo, mas o método universal de todo pensamento sério.

Para o pesquisador compreender verdadeiramente o que ocorre com o modelo metodológico da hipótese, é preciso que ele entenda que Platão, ao elaborar seu sistema filosófico, recolhendo diferentes elementos de distintas procedências, mediante a superposição e o modo particular de interrogar os planos do passado e do presente, faz esses elementos convergir para o centro móvel do sistema que opera, passando, então, a organizá-los, segundo seus próprios fins. Esta é a pedra angular que compõe no pensamento platônico algo inédito. E este é o caso dos estudos matemáticos, em Platão, e especificamente do método da hipótese; porquanto parte da sua originalidade consiste em generalizar certos aspectos do pensamento matemático estendendo-os a todo pensamento humano.

Ou seja, Platão não retira somente elementos das matemáticas, mas também de outras áreas do pensamento, e os aplica em suas investigações. Essa noção, desenvolvida e denominada por Auguste Diès, de “transposição platônica”,

assegura que, enquanto procedimento filosófico, esta implica tanto numa reapropriação crítica do passado, quanto numa problematização do presente²⁸⁰.

Daí Robinson concluir que é discutível falar de um método único que corresponda às várias passagens em que Platão utiliza o termo hipótese para descrever um procedimento; Crombie ressaltar que Platão talvez tratasse de alguma doutrina sua ou talvez ainda, de um método familiar aos seus contemporâneos, mas desconhecido por nós; e Lafrance concluir que o método apresenta em cada uma das passagens do *Mênon*, do *Fédon* e da *República*, uma espécie de variação.

A dificuldade encontra-se justamente nos exemplos fornecidos pelo filósofo, pois, como afirma Robinson, os diálogos do período médio abundam em palavras e propostas abstratas acerca do método, mas não é absolutamente óbvio se essas propostas estão sendo seguidas, ou se qualquer método está sendo efetivamente seguido. É em razão dessas especificidades e implicações que, ao estudarmos este modelo argumentativo, encontramos amiúde uma grande dificuldade na captação do que seja precisamente a hipótese, isto é, seu conceito e significado e, por conseguinte, o modo de considerá-la, motivo este de cisões nas interpretações.

Concluimos que a compreensão do termo hipótese nos escritos platônicos está para além das fronteiras estabelecidas pelas matemáticas. Platão formula hipóteses e estabelece um diálogo entre elas para a elaboração de seu próprio método, do seu livre pensar. O que estaria totalmente de acordo com a tradição, em se tratando de Platão, de ser pouco fiel quanto ao que realmente foi dito e estabelecido por seus contemporâneos. Sobre essa questão Cornford tece um comentário esclarecedor²⁸¹. A tarefa da dialética, mediante comparações e críticas, tem por objeto captar essas observações de verdade e formulá-los do modo mais adequado. Aqui é onde o pesquisador moderno pode desorientar-se. Sem dúvida, espera-se que um filósofo que critique o outro filósofo reduza-se à pergunta histórica, qual seja a de buscar o que efetivamente o outro filósofo disse. Contudo, é bom lembrar que Platão não faz história da filosofia, ele mesmo filosofa e busca utilizar unicamente os elementos aproveitáveis, sem que lhe seja muito importante de onde provêm.

²⁸⁰DIÈS. *op. cit.*, p. 537.

²⁸¹CORNFORD. *op. cit.*, 1968, p. 42.

Não devemos supor, como coisa evidente, que a apresentação que ele faz das doutrinas de outros filósofos se ajuste exatamente à verdade. Do mesmo modo, podemos acrescentar que Platão tampouco parece estar preocupado em fazer história da matemática; em apresentar testemunhos inequívocos de como os matemáticos definiam os primeiros princípios de suas disciplinas; ou de aplicar o método da hipótese exatamente como os matemáticos, seus contemporâneos, empregaram.

Se Platão viu a possibilidade e necessidade de uma ciência universal da razão, deve ter sido uma ciência que encontrasse a razão *por que* e *o que* qualquer coisa é, no caráter único de algo autoevidente e autoexplicativo, a fonte de toda realidade e conhecimento, o bem final. Da mesma maneira, todo o conhecimento humano seria transformado no que Burnet chamou de uma “álgebra teológica”²⁸². A visão de tal ciência está, talvez, implícita na nota do *Fedro*, que diz que uma solução particular do problema da posição e da forma da Terra seria aceitável, se sua prova pudesse mostrar que a Terra deve ter aquela forma e posição e nenhuma outra²⁸³.

Platão, porém, não elaborou os detalhes dessa ciência e nunca assumiu a tarefa de fazer o pensamento científico do mundo. Ele indicou a linha apropriada a seguir na racionalização progressiva do mundo, porém sua concepção socrática da modéstia do conhecimento humano, proporcional à vastidão dos problemas científicos, o tornou ciente de suas limitações. Em particular, talvez soubesse que seu esforço de “matematizar” o máximo possível e que os meios por ele utilizados para isso não foram tão perfeitos quanto deveriam ser.

Para finalizar, seguindo o próprio Platão no *Mênon*, o método da hipótese, disciplina metodológica da mente nos faz crer que toda investigação é válida, que a descoberta é possível, se formos diligentes e inquisidores e rememorarmos progressivamente, em etapas, tal como é preciso rememorar²⁸⁴.

²⁸² *Apud.* in ROBINSON. *op. cit.*, p., 150.

²⁸³ PLATÃO. *Fedro*, 97d.

²⁸⁴ PLATÃO. *Mênon*, 82e.